

# Profecia, existência e Teologia da Cultura na poética de Belchior

Natanael Gabriel da Silva [1]

## RESUMO

A obra poética do cantor popular Belchior tem uma natureza existencial e profética, possível de ser estudada como discurso religioso e cristão, em contraste ao anti-cristianismo presente na cultura latino-americana. A temática do seu discurso poético e profético é o problema racial, quando a pureza nordestina é lançada no horizonte do paraíso imaginário da metrópole, mas que se transforma no símbolo de desterro. Por conta disso, temas da teologia elaborada por Tillich, como inocência sonhadora, preocupação última, vida sem ambigüidade, por exemplo, podem ser encontrados em diálogo com a obra poético-profética de Belchior. Ao negar o cristianismo, e dimensioná-lo como um não-cristianismo, Belchior elabora, pelo viés da contradição, um novo sentido do modo de ser cristão e a busca do Paraíso em sua condição de inocência. Este trabalho se propõe a refletir sobre tal hipótese.

**Palavras-chave:** Belchior, Paul Tillich, poesia, existência, Teologia da Cultura, religião e música popular brasileira, voz profética.

## Prophecy, Existence and the Theology of Culture in Belchior's poetics

### ABSTRACT

The poetic work of the pop singer Belchior has an existential and prophetic nature that can be analyzed as religious and Christian speech, in contrast to anti-Christianity present on the Latin-american culture. The theme of his poetics and prophetic discourse is the racial problem, that

---

[1] Doutor em Ciências da Religião

shows itself when the purity Brazilian northeastern is drawn into the horizons of the metropolitan's imaginary paradise, which transforms this northeastern purity in a symbol of deportation. Because that, themes from theology made by Tillich, such as *dreamer innocence*, *ultimate concern*, *life without ambiguity*, for example, can be in dialogue with the poetic-prophetic Belchior's works. When Belchior denies the Christianity, calling it non-Christianity, he elaborates, by contradiction, a new sense of being Christian and to seek the paradise in its condition of innocence. This article tries to reflect about this hypothesis.

**Keywords:** Belchior, Paul Tillich, Poetry, Existence, Theology of Culture, Religion and Brazilian Popular Music, prophetic Voice.

### Apontamentos introdutórios

Estudar a poética de Belchior, Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, nascido em Sobral, Ceará, em 1946, não é uma tarefa simples. Como todo poeta que prima pela liberdade, o tom de seu discurso não pode ser enclausurado num único sistema. Sua produção coincide com um período de profundas mudanças sociais e expectativas no que diz respeito a uma esperança na América Latina. Desde o final dos anos 50, início dos 60, a região vivia a expectativa dos resultados dos seus muitos caminhos. Não se sabia se a vocação econômica, com raiz nitidamente agrícola-pastoril, iria se enveredar pela tomada do sistema pelo oprimido ou se haveria uma radicalização reacionária por meio de golpes de extrema direita que tomariam conta do continente. Desencadeou-se a segunda.

A questão político-econômica não era a única ameaça. Se esta representava o poder, havia outra, presente na sociedade e cotidiano, resultado da pluralidade cultural e regionalismo, o problema racial. Isto quer dizer que o sujeito oprimido encontrava-se não apenas na relação capital-trabalho. A dinâmica étnica é tomada como exemplo, na obra de Belchior, pela figura do deslocamento do nordestino para as babilônias do sul, símbolo de cativo e desterro, o que por si só já se dá como simbólico-religioso. Deste modo que aparece na poética de Belchior, é o drama que não poderia ser resolvido apenas por uma distribuição de rendas, que é o preconceito. A sua temática existencial brota desse debate. Belchior poderia ser assim considerado como uma voz proféti-

ca, e o discurso voltado para o problema da raça, e na ameaça existencial do desterrado, o caminhar contínuo em busca do paraíso.

Nesse caso, em Belchior, a existência é ameaçadora, e no amor residiria a superação das condições desintegradoras do ser. Contudo, ainda é prematuro caminhar por esse viés, sem antes compreendermos se de fato é possível uma leitura de algum método existencial em sua obra, mesmo considerando a sua negação expressa, por vezes jocosa, do cristianismo ocidental. Seria necessária uma leitura de superação da negação que Belchior faz do formalismo cristão em nossa sociedade, mediado pela possibilidade dogmática, e uma tentativa de aproximação pelo viés de uma teologia de natureza existencial. Com isso, possivelmente, seria possível observar que, na negação e crítica ao cristianismo, o que há é a presença de um imaginário religioso existencial. Bem, essa será a nossa tarefa como apontamento.

Pela natureza do texto e seus limites, não foi possível estabelecer parâmetros e conceitos de termos específicos, principalmente do pensamento de Tillich. Expressões como *correlação*\*, *vida sem ambigüidade*\*, *teologia da cultura* e *preocupação última*, por exemplo, são tomadas considerando já serem conhecidas pelo leitor.

### **A pergunta ontológica em Belchior**

O debate sobre a natureza religiosa de um discurso existencial necessita buscar, primeiramente, o lugar do ser nesse discurso. Não é preciso reafirmar aqui que o ser seria um exceder de sentido do ente, superação da objetividade e *lugar* “de onde” poderia emergir a religião.

Heidegger havia dado à pergunta ontológica um “conteúdo” pela busca de sentido do ser, o que esgotaria o seu próprio sentido no horizonte existencial, no ser-para-a-a morte. A teologia responderia a isso, procurando demonstrar que a pergunta ontológica é um partir do ser, mas limitar o seu horizonte ao existencial é estabelecer antecipadamente a sua possibilidade hermenêutica. Tillich reagiu a isso: a pergunta ontológica não tem que se limitar ao limite da existência, para ser considerada ontológica. A pergunta é do ser, não tem conteúdo, e emerge na cultura como a pergunta pela *preocupação última* e *vida sem ambigüidade*, na tentativa de superar as condições ameaçadoras da existência. A existência, para Tillich, não se constitui apenas como

análise de sua estrutura, como na analítica de Heidegger em *Sein und Zeit*, mas se dá como existência na dimensão teológica da cultura, e nesta aparece como pergunta pelo *ser-em-si*.

A questão é que, se Belchior é um poeta que discute a existência, talvez a primeira busca que devêssemos fazer seria a de tentar encontrar se há em seu discurso uma natureza essencial, uma tentativa de encontrar o ser, que pudesse exceder a simples existência, apontando para uma ontologia que se manifesta como pergunta ontológica, numa aproximação mais clara do discurso teológico.

Em “Alucinação”, Belchior afirma não estar interessado em nenhuma teoria, nenhuma fantasia, ou mística oriental, mas a alucinação é o suportar o dia-a-dia no delírio com coisas reais. No caso, coisas reais são as condições de existência, o que é dado, o ser lançado, se optarmos por Heidegger, ser-no-mundo, em busca de sentido. Seguindo os versos da canção, Belchior se envereda por esta condição de existência e faz um relato do cotidiano do preconceito, sonhos e limites: *o preto* (raça-preconceito), *o pobre* (capital-trabalho), *estudantes* (conhecimento e sonho), *mulheres sozinhas* (existência e angústia), *blue jeans e motocicletas* \*(alienação e fuga), \**pessoas cinzas, normais* (vida e desaparecimento), *garotas dentro da noite* (opressão e desumanidade), *revólver: cheira cachorro* (morte e animalidade), *humilhados do parque com os seus jornais* (presença e esquecimento, informação/desinformação e reaproveitamento de texto), *carneiros, mesa, trabalho* (submissão e produtividade), *meu corpo que cai do oitavo andar* (vida-morte, existência e desintegração, liberdade e fim) e *a solidão das pessoas dessas capitais* (existência e ameaça), *a violência da noite, o movimento do tráfego* (dinâmica da vida e impessoalidade), *um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais!...* (gênero e preconceito). Pouco adiante, *doze jovens coloridos*, \**expressão clara e irônica à tradição cristã, e com eles* \**dois policiais*, \**símbolo da opressão e ameaça à vida*. Ao contrário da *visão profética da \*Laranja Mecânica*, anunciando o terror, o amor é dado como resposta e possibilidade de mudança.

Todos os personagens constituem a vida, com as suas ameaças, preconceitos e contradições. Não há teoria que dê conta de explicar isso. Para Belchior, pelo menos em “Alucinação”, a existência é trágica, o limite é o cotidiano, e a esperança é o amor.

Por essa perspectiva, contudo, com uma poética da morte, bem poderia sugerir que Belchior seria devedor à analítica de Heidegger, condição da *angústia \*e o \*ser-para-a-morte, \*limitando-se ao ser dado. Entretanto, o poeta concebe um estado de pureza essencial, semelhante ao que Paul Tillich chamou de \*inocência sonhadora.*

### **Imaginário de contraste – a inocência sonhadora**

A condição trágica da existência é uma leitura de contraste com a pureza do nordestino, idealizado no imaginário da essência do rapaz latino-americano, vindo do interior. Naquela leitura, há também a solidão de quem chega com os seus sonhos, a música e a promessa de que há uma essência divina que espraia a existência. Tal existência se apresenta como desconexa, e, num dado momento, existência emerge como ameaça, entre o proibido e o permitido.

Entretanto, a referência à solidão das pessoas nas capitais e a violência da noite sugerem uma leitura de contraste com o imaginário idealizado da essência do rapaz latino-americano, vindo do interior, na canção “Apenas um rapaz latino-americano”. Nesta, há também a solidão de quem chega com os seus sonhos, a música e a promessa de que há uma essência que se espraia na existência, entre o proibido e o permitido. O rapaz latino-americano, vindo do interior, é um profeta que não sabe compor, senão palavras como navalhas. Ao invés do divino, traz uma palavra aguda, ao invés da música suave, o conflito, diante da vida que não é apenas diferente, é muito pior. Trata-se de um pessimismo existencial, mas que só pode ser colocado a partir do descortinamento da chegada e o que encontra é um nada divino, um nada sagrado, um nada maravilhoso e um nada misterioso, um nada secreto. A hermenêutica existencial de um fatalismo apocalíptico dá-se como relação, a partir de um imaginário puro, de quem vem do interior, para a hecatombe urbana. Há um partir essencial no início da jornada, e a declinação da essência que se dá como existência correlaciona-se no espaço do cotidiano. Daí não seria possível de se falar dos dramas existenciais de “Alucinação”, sem um conceito de possibilidade de superação, que tem como fim o “amor”, mas um ponto de partida como idealidade. Começo e fim se encontram, mediados pelo ter que viver e existir.

Não há um algo escondido, como uma virtude a ser procurada, ou possível de ser encontrada. Atrás da ameaça desintegradora, não há nada. O caos existencial pergunta, e o horizonte hermenêutico se abre à superação da tragédia humana. Nesse caso, parece ficar claro que a condição ameaçadora faz emergir a pureza interiorana, traz a inquietude existencial da *inocência sonhadora*. O paraíso se fora, e ao mesmo tempo é desejado.

Ao emissário que vai para o Nordeste, em “Baihuno”, Belchior faz uma análise existencial do meio urbano no Sudeste, comparando-o à Babilônia, símbolo de desterro e cativo. Diz Belchior:

Conta aos amigos doutores  
que abandonei a escola pra cantar em cabaré,  
baiões, bárbaros, baihunos,  
com a mesma dura ternura que aprendi na estrada e em Che.  
Ah! metrópole violenta que extermina os miseráveis,  
negros párias, teus meninos!  
Mais uma estação no inferno, Babilônia, Dante eterno!  
há Minas? Outros destinos?  
Pouco adiante acrescenta:  
Ao pastor de minha igreja  
diz que essa ovelha jamais vai ficar branquinha.  
- Não vendi a alma ao diabo...  
O diabo viu mau negócio nisso de comprar a minha.  
Se meu pai, se minha mãe se perguntarem, sem jeito  
- Onde foi que a gente errou?

Elogiando a loucura, e pondo-me entre os sonhadores, diz que o show já começou.

Trogloditas, traficantes, neonazistas, farsante: barbárie, devastação.  
O rinoceronte é mais decente do que essa gente demente  
do Ocidente tão cristão.

Tomado como imaginário, se a babilônia do desterro é o limite da ameaça e desencanto, o Nordeste é o que se perdeu, é o tribalismo, paraíso,

a pureza, o que ficou antes do sonho, que poderia não ter ido tão longe, como Minas no caminho, mas rumou ao limite e horizonte, e caiu no vazio. Lugar da loucura e do drama real da existência, mas que deve ser noticiado como a realização do sonho, do belo, ideal, mas que na verdade se traduz como barbárie e devastação. Catástrofe, como existência.

A leitura da metrópole como o lugar da desintegração do ser é o horizonte que se vê do paraíso, e tal espaço de selvageria e angústia existencial pode ser qualquer lugar, uma vez que o imaginário do paraíso não pode ser transferido. A pureza, o estado de *inocência sonhadora*, tem o seu “lugar” sagrado.

Em outra canção, “Tudo outra vez”, Belchior coloca o nordestino como idealizado, mesmo diante do mundo europeu. Lá também é deserto e ameaça. No texto, as coisas do cotidiano, blusão de couro, rede branca, cachorro ligeiro, são poeticamente colocadas em forma de saudade, uma espécie de utopismo milenarista escatológico ao contrário. A língua, o discurso, a expressão do idioma corrompe a pureza existencial. Belchior diz “quero esquecer o francês”. O poeta contrasta a vida na Europa com o paraíso do sertão. Deste modo, uma noite de prazer no Danúbio, e tem que ser Azul para ser poético, não pode ser comparada com o magnífico sol e o amor de irmã no interior do Brasil. O lugar sagrado da inocência não pode ser deslocado, nem substituído, mesmo quando, aparentemente, as ameaças desintegradoras da existência estejam presentes. Belchior deseja recuperar tudo outra vez. Na mesma canção, o sertão se opõe ao Concorde, símbolo de deslocamento e distanciamento do que há de mais puro.

O Nordeste, na poesia de Belchior, é idealizado como o lugar da essência. Tal pureza se acaba, quando do encontro com a metrópole, símbolo da ameaça existencial, num discurso de resistência a Caetano Veloso, incapaz de se dar na existência com suas contradições, em “Fotografia 3x4”, diz:

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava,  
pedia os meus documentos e depois sorria,  
examinando o três-por-quatro da fotografia  
e estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.

[...]

Veloso o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai | viver na rua.

Em “Bahiuano”, diz:

Gênios-do-mal tropicais, poderosos bestiais, vergonha da Mãe Gentil.  
Fosse eu um Chico, Gil, um Caetano, e cantaria, todo ufano: ‘Os Anais  
Da Guerra Civil’.

A redução da pessoa à expressão da face em uma fotografia 3x4, é o contraste da fagulha essencial, preservada na imagem, em relação ao mundo e universo que a ela se opõe. No discurso está o sentido de humilhação, abandono, desintegração do ser, mas cuja fotografia, que reproduz uma essência, não pode ser definitivamente aniquilada. O conflito de ser e não-ser se dá como impasse e ameaça.

### Poética e voz Profética

Portanto, poesia e voz profética, em Belchior, são as mesmas coisas. Há uma crítica e inconformismo quando o poeta presencia a ausência de condenação ao preconceito. O preconceito não poderia ser ignorado, pois é fotografia, contradição e vida. Em “Conheço o meu lugar”, Belchior expressa isso de forma bastante clara:

O que é que eu posso fazer com a minha juventude  
- quando a máxima saúde hoje é pretender usar a voz?  
O que é que eu posso fazer - um simples cantador das coisas do porão?  
(Deus fez os cães da rua pra morder vocês  
que sob a luz da lua, os tratam como gente - é  
claro! - a pontapés).  
[...]  
Fique você com a mente positiva que eu quero a voz ativa  
(ela é que é uma boa!)  
pois sou uma pessoa.  
Esta é minha canoa: eu nela embarco.  
Eu sou pessoa! (A palavra ‘pessoa’ hoje não soa bem - pouco me importa!)  
Não! Você não me impediu de ser feliz!  
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!  
Ninguém é gente! Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!



Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!

Não sou da nação dos condenados!

Não sou do sertão dos ofendidos!

Você sabe bem: Conheço o meu lugar!

A idéia da criação, *Deus fez os cães da rua*, estabelece a inacessibilidade à mudança do discurso e do conteúdo da voz profética, que não pode ser outra coisa. O drama existencial também não, e é simbolizado no limite do que seria o mais desprezível: ser humano, poeta e profeta como cão de rua. A ironia do texto “a palavra pessoa hoje não soa bem”, trata da inversão e da mudança do sujeito do discurso, o cão passa a ser o interlocutor, por desconhecer o sentido de ser pessoa. Nesse caso, “ninguém é gente”, o sujeito é o ninguém, que é gente. No fim, há a preservação do ser pessoa, o que se recupera como dimensão do discurso profético, “conheço o meu lugar”. O “lugar” aqui não é um “onde”, mas estado de existência que preserva a essencialidade de ser pessoa, pois o lugar “Nordeste” não existe. Não se pode voltar para um lugar que não existe. O Nordeste não existe, mas a pessoa sim. Trata-se de um imaginário construído pela memória, mas que se apresenta existencialmente como ameaçador.

### **Símbolo e poética – expressão da preocupação última**

Assim, o discurso profético em Belchior pretende avançar às expressões poéticas que não percebem as contradições da existência, manifestadas na ameaça pelo preconceito. Só pelo fato de se dissociar um ser puro e nordestino, vindo do interior, em contraste com a vida ameaçadora na capital, que corrompe tal pureza e a degenera, a pergunta que poderia ser levantada é se Belchior teria elaborado uma leitura de duas essências: um ser do interior e um ser da capital.

É possível compreender essa poética como a metáfora de ser e não-ser de Paul Tillich. O não-ser ameaça o ser. A alteridade existencial em Belchior, como si-mesmo diante de si, aparece como a dimensão dinamizadora que faz emergir a pergunta pela *inocência sonhadora*, do mesmo como o não-ser ameaça o ser e se traduz na pergunta ontológica pela *preocupação última* ou pela *vida sem ambigüidade*, para além das condições ameaçadoras da existência. A condição pura só assim se dá

diante do que lhe é oposto, o seu não, sua negação, e os conflitos ameaçadores na existência, simbolizado no preconceito que desperta busca do irrecuperável paraíso. Ser e não-ser se dão dialeticamente necessários, em correlação, para a emergência do discurso profético.

Belchior, nesse ponto é bastante crítico: o discurso poético que não tem uma natureza profética causa a desintegração do ser. Em “Comentários a respeito de John”, Belchior diz não ter se esquecido da canção “Happiness is a warm gun”, dos Beatles e autoria de Lennon. Belchior traz o imaginário do Oeste norte-americano, no tempo das diligências, mediante o estilo musical, e mostra que a falta de percepção das condições ameaçadoras da existência naquela canção, desintegram o ser, por desintegrar a vida e o seu não. A felicidade, portanto, não pode ser uma arma quente. O símbolo tomado é o da morte trágica de J. Lennon. O rosto-rouge e o batom de Lennon são imagens de sua alienação existencial e ausência de voz profética. Diz a letra:

Saia do meu caminho, eu prefiro andar sozinho  
Deixem que eu decida a minha vida  
Não preciso que me digam de que lado nasce o sol  
Por que sei que bate lá meu coração  
Sonho e escrevo em letras grandes (de novo)  
Pelos muros do país  
João, o tempo andou mexendo com a gente sim  
John, eu não esqueço (oh no, oh no)  
A felicidade é uma arma quente, quente, quente  
Sob a luz do teu cigarro na cama  
Teu rosto-rouge, teu batom me diz.

### **A resistência ao discurso religioso formal na poética de Belchior – contra a heteronomia**

Belchior resiste a qualquer imposição religiosa, do mesmo modo como Tillich, ao que chamou de *heteronomia*. É possível compreender um discurso também de condenação à *autonomia* em Belchior, mas só se esta for representada pelo discurso de *autonomia existencial* gerada pela liberdade (dos outros) e a desumanidade exasperada no descontrole de

quem, por si, se impõe e ameaça a vida, como no caso da metrópole, demonicamente manifestada no cooptação da pureza e ingenuidade de quem dela se aproxima. Isso, contudo, deveria ser tomado por inferência.

No caso da resistência à *heteronomia* religiosa, é possível encontrá-la de forma mais clara, expressa em “Como o diabo gosta”, por exemplo:

Não quero regra nem nada  
Tudo tá como o diabo gosta, tá,  
Já tenho este peso, que me fere as costas,  
e não vou, eu mesmo, atar minha mão.

O que transforma o velho no novo  
bendito fruto do povo será.  
E a única forma que pode ser norma  
é nenhuma regra ter;  
é nunca fazer nada que o mestre mandar.

Sempre desobedecer.  
Nunca reverenciar.

Nada de regras, imposição ou qualquer coisa que possa determinar o que deveria ser a existência. O diabo é o símbolo profético de resistência às regras, e é tomado aqui como uma leitura carnavalesca do discurso poético. É o abuso da inversão, o exagero, a busca do limite do que seria o total oposto, como forma de realçar no discurso literário a malignidade das regras. A inversão do texto sagrado, “o que transforma o velho no novo”, em alusão ao discurso bíblico de não se colocar vinhos novos em odres velhos, em desprezo ao que é velho, é agora tomado o velho como sendo o próprio discurso cristão que precisaria ser transformado. Para tanto, a desobediência a toda e qualquer determinação, e “nunca fazer nada que o mestre mandar, sempre desobedecer, nunca reverenciar”: esse é bendito fruto.

Observado por essa perspectiva, pode-se entender que Belchior estaria sugerindo um anti-cristianismo. Não é possível afirmar se o poeta está no limite do ateísmo, ou se a sua re-sistência se dá em face

da religiosidade constituída e opressão religiosa cristã, pela via dogmática. Ao que parece, trata-se da última, pois o seu discurso de resgate da vida, tema central do cristianismo, é preservado como conteúdo da ação e voz profética.

Então, se há uma tentativa de resgate do que há de mais puro, em meio aos dramas ameaçadores da existência na desintegração do ser, um sonho de paraíso perdido e recuperado, e a possibilidade do horizonte profético ser encerrado com o amor, ao que parece, tais temas são resultado de uma cultura ocidental, que existencialmente, na linguagem de Tillich, seriam símbolos da preocupação última e o desejo existencial de um encontro com a inocência sonhadora. Se isto estiver correto, o discurso poético e profético de Belchior, está na trilha de um pensamento cristão existencial, e sua negação religiosa pode ser mais bem compreendida como resistência a um modelo cristão, que desde o início mostrou-se terrivelmente aniquilador. Como diria em “Quinhentos anos de que?”: “Não sabia o que fazia, não, D. Cristóvão, capitão. / Trazia, em vão, Cristo em seu nome / e, em nome d’Ele, o canhão,” – o trocadilho “vão”, como “em vão” somado a “Cristo”, que lhe deu o nome “Cristo-em-vão”, teria sido o fim do Paraíso, e o cristianismo um anti-cristianismo.

Com outras palavras, ao que parece o cristianismo, na forma como deveria ser, solução e sentido ao Paraíso, ou inocência sonhadora, se opõe ao anti-cristianismo que se mostra latente no preconceito e na criação do desterro. Sendo assim, “o rinoceronte é mais decente do que essa gente demente do Ocidente tão cristão.”

### **Apontamentos inconclusivos**

Belchior é uma voz profética, sem dúvida. Seu elemento de discurso é o contraste, numa luta contra o preconceito. Belchior também menciona a frivolidade da vida, e o medo existencial que está presente num avião, que não se sabe se é o medo do simples estar, mas do deslocamento representado pela viagem da vida, apaziguado pelo símbolo feminino, de uma presença quase materna. O medo, na canção, é adolescente e a sexualidade estaria na aeromoça, e não em quem lhe segura a mão, símbolo da vida, conduzindo o poeta-profeta às condições ameaçadoras da existência, lugar da desintegração, para onde jamais seria possível voltar outra vez, fuga do paraíso e morte, onde seria apenas voz.

É claro que a denúncia de Belchior se reveste de uma natureza profética em favor da vida. A partir disso, o seu discurso assume uma dimensão existencial, que não vê na prática religiosa elaborada no cristianismo ocidental. Não há possibilidade de recuperação das condições puras da existência e de qualquer retorno ao paraíso. Longe de ser agnóstico, Belchior desenvolve temas que podem ser aproximados à teologia existencial, também denunciadora, de Paul Tillich. Sua voz é profética, a existência é ameaçadora, há um abandono e uma esperança de retorno ao Paraíso, como inocência sonhadora, uma não solução do ser no mundo ameaçado por uma e uma constante condição desintegradora.

A pergunta que poderia ser levantada é se Belchior tentou uma síntese deste sistema. Aparentemente, não. A colocação das temáticas existenciais em sua poesia sugere uma não solução, como na correlação, contudo isso seria um tema que excederia o nosso trabalho, tão somente de apontamento entre a poética de Belchior e a teologia da cultura de Paul Tillich, profetismo, existência e o ser nas condições ameaçadoras e desintegradoras da existência.